

## **A comunicação, os usos do território e o método geográfico: em busca de uma leitura crítica<sup>1</sup>**

André PASTI<sup>2</sup>  
Unicamp, Campinas, SP

### **RESUMO**

Considerando a importância de viabilizar um diálogo profícuo entre a geografia e as ciências da comunicação, o presente texto visa apresentar e discutir conceitos da geografia para pensar a comunicação e a informação a partir do território, sob uma perspectiva crítica. Partimos, para tanto, do sistema teórico proposto pelo geógrafo Milton Santos, e buscamos interpretações e caminhos de método possíveis para analisar a comunicação e os usos do território no período atual a partir da geografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** informação; comunicação; geografia crítica; milton santos.

### **INTRODUÇÃO**

Vivemos um momento em que a informação apresenta-se como variável-chave para a organização da sociedade e do espaço e no qual a interdependência universal dos lugares reafirma o papel ativo do território (SANTOS, 1994). O que o território usado nos revela de novo em relação às comunicações, à informação e às suas dinâmicas? Como a geografia pode fornecer subsídios para leituras críticas dessas variáveis?

Em busca de respostas a essas questões e visando contribuir para a construção de pontes que viabilizem um diálogo profícuo entre a geografia e as ciências da comunicação, o presente texto traz algumas reflexões epistemológicas da geografia partindo do sistema teórico proposto pelo geógrafo Milton Santos (1926-2001).

O texto está organizado em quatro partes: na primeira, retomamos aspectos basilares do método geográfico para a compreensão das dinâmicas territoriais da informação e da comunicação; na segunda, discutimos conceitos que permitem uma leitura

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando no programa de pós-graduação em Geografia do IG/Unicamp, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: [andre@pasti.art.br](mailto:andre@pasti.art.br).

dessas questões no período atual; em seguida, abordamos pontos fundamentais para a busca de interpretações das comunicações por meio da geografia crítica; por fim, prosseguimos esse debate a partir de uma reflexão sobre o cotidiano e a existência.

## **TERRITÓRIO USADO, TOTALIDADE E COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO MÉTODO GEOGRÁFICO**

Nossas reflexões se dão a partir do objeto de estudo da geografia, o espaço geográfico. Silveira (2000, p. 23) chama a atenção para a necessidade de se formular um sistema de ideias no qual o espaço seja pensado como um conteúdo, e lembra que cada teoria pertence a um período histórico. Assim, “como a realidade é dinâmica, os conceitos devem dar conta do movimento” (SILVEIRA, 2000, p. 24). Conforme Isnard (1982, p. 109), o espaço geográfico é concebido pela sociedade para realizar seus projetos, e sua organização ao longo do tempo é um campo de conflitos. No período atual, o espaço geográfico, segundo Santos (2006a [1996], p. 63), é definido como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Para além de uma perspectiva geométrica do espaço — o espaço visto apenas como distâncias, extensões, formas, tamanhos e limites, visão esta que orientou por bastante tempo as pesquisas na geografia e nas ciências que buscavam nela seus diálogos interdisciplinares — propõe-se uma abordagem a partir da *existência*, uma epistemologia<sup>3</sup> existencial da geografia (SANTOS, 1996; SANTOS, 2006b; SILVEIRA, 2006), que será discutida mais adiante.

Nesse sentido, quando pensamos no território, Santos (1994, p. 15-16) afirma que o que interessa à análise social são os *usos do território*, o *território usado*. Para esse autor, se o território são as formas, o território usado são os objetos e as ações — podendo, dessa forma, ser entendido como sinônimo de espaço geográfico. Conforme Santos e Silveira (2006 [2001], p. 247), para definir um território “devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política”. Outrossim, espera-se avançar para além de uma mera busca pela “localização” dos fenômenos, baseada na ideia equivocada de espaço geométrico, para a compreensão de que o espaço não é um mero “palco” das ações.

---

<sup>3</sup> A epistemologia é a teoria do conhecimento ou a filosofia da ciência (ABBAGNANO, 2007, p. 392).

Nesse sentido, propõe-se um enfoque epistemológico que resgate a categoria *totalidade*<sup>4</sup>. Conforme Santos (1984, p. 8), o espaço é um campo de forças multidirecionais e multicomplexas onde, ao mesmo tempo em que cada lugar é extremamente diferente de outro, também cada lugar está claramente ligado a todos os outros por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal. Por conseguinte, não se deve analisar os lugares por meio de lógicas particulares e encerradas em si, sem a consideração da totalidade.

Essa totalidade está sempre em movimento, que é chamado de totalização<sup>5</sup>. A totalidade representa um resultado momentâneo desse processo. Os sistemas de objetos e sistemas de ações são novas totalidades dessa totalidade em movimento: o espaço (SILVEIRA, 2000, p. 25). Entender o *movimento* é crucial: o processo histórico é esse processo de totalização (SARTRE, 2002).

Em relação à comunicação, deveríamos, portanto, compreender analiticamente os sistemas atuais de comunicação tanto no que se refere ao sistema de objetos técnicos que dão suporte a seu funcionamento, quanto ao sistema de ações que eles executam, viabilizam e condicionam; do mesmo modo, ao analisar dinâmicas comunicacionais de um lugar deve-se considerar a totalidade e seu movimento de totalização.

Para pensar o espaço a partir da existência, é importante encarar o desafio teórico da indissociabilidade entre espaço e tempo. Daí a importância da noção de *evento*, proposta por Santos (2006a [1996], p. 144), entendido como um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço. O evento, segundo o autor, é sempre *presente*, mas não necessariamente instantâneo — daí podermos analisar a duração dos eventos. Os eventos também podem ser analisados a partir de suas sobreposições, extensões e escalas. Ainda conforme Santos (2006a [1996], p. 144), o mundo é um conjunto de possibilidades, e o evento é o veículo de uma ou algumas dessas possibilidades, ou pode atuar, também, como o vetor de possibilidades de uma formação socioespacial — isto é, um país — ou de um lugar. O lugar é o depositário final do evento, e onde se instala um evento, há mudanças — eles

---

<sup>4</sup> “A noção de totalidade é uma das mais fecundas que a filosofia clássica nos legou, constituindo um elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade. Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a totalidade que explica as partes” (SANTOS, 2006a [1996], p. 115).

<sup>5</sup> “Para nós, a verdade torna-se, ela é e *será* devinda. Trata-se de uma totalização que se totaliza incessantemente; os fatos particulares não significam nada, não são verdadeiros ou falsos enquanto não forem referidos pela mediação de diferentes totalidades parciais à totalização em andamento” (SARTRE, 2002, p. 36).

transformam os objetos, dando-lhes novas características e trazendo novos conteúdos ao lugar (SANTOS, 2006a [1996], p. 146).

Essa concepção de evento é operacional para analisar questões críticas a respeito da comunicação. Considerando a atual concentração do controle e do comando dos meios de comunicação nas mãos de poucos agentes — sobretudo grandes empresas —, qual é o poder desses meios de condicionar, a partir da dimensão imaterial, os eventos que efetivamente atingem um lugar, bem como a duração desses eventos? O poder midiático de repercussão de eventos parece central para a existência e a reprodução da vida cotidiana, para a seleção de quais feixes de eventos vão se realizar no lugar. De outro lado, com as novas tecnologias da informação e sua apropriação por diferentes movimentos sociais no mundo, qual é a possibilidade real de concretizar e repercutir novos eventos carregados de significados contra-hegemônicos?

Assim, deve-se rever a questão da *escala*. Em função da visão geométrica de espaço, a escala geográfica foi, por muito tempo, confundida com a escala cartográfica. A escala, conforme Santos (2006a [1996], p. 152) está relacionada, na verdade, com a área de ocorrência de um fenômeno e é, portanto, um dado temporal, e não meramente de extensão. A escala geográfica deve considerar o conteúdo do território e os eventos, pois

é a funcionalização dos eventos no lugar que produz uma forma, um arranjo, um tamanho do acontecer. Mas, no instante seguinte, outra função cria outra forma e, por conseguinte, outros limites. Muda a extensão do fenômeno porque muda a constituição do território: outros objetos, outras normas convergem para criar uma organização diferente. Muda a área de ocorrência dos eventos (SILVEIRA, 2004, p. 90).

Para Silveira (2004, p. 92), o mundo construído e seu arranjo de objetos e normas, ao mesmo tempo em que se transforma com o movimento da totalização, impõe a ele uma inércia, obrigando os vetores a uma adaptação. A isso ela chama de escala de império, representada pelo tempo objetivado, pelo tempo empiricizado — enquanto a escala da ação é constituída de tempo: o tempo global, o tempo nacional, o tempo local. Em outras palavras, teríamos de um lado a escala como rugosidade — a inércia, dinâmica, das formas herdadas — e de outro como possibilidade: a materialidade cria inércia e resistência à mudança, enquanto a ação cria instabilidade e conflitos e, portanto, novos limites.

Em relação à comunicação, essas novas possibilidades de pensar escala oferecidas pela geografia crítica nos permitem pensar, por exemplo, que o conjunto de normas que regulam a comunicação e a organização historicamente hierárquica e concentrada do setor

podem ser lidos como escala de império, contrapondo-se a estratégias “lugarizadas” de movimentos sociais e de resistência, ou pelos diversos movimentos de ocupação que surgiram quase simultaneamente em diversas cidades do mundo e se articulam por meio de estratégias viabilizadas pelas novas tecnologias da informação. Nesse último caso, temos uma demonstração de que a escala geográfica ultrapassa a escala geométrica: a área de ocorrência do fenômeno une movimentos locais e globais, que devem ser entendidos a partir de sua totalidade.

## **O PERÍODO ATUAL E A UNIVERSALIDADE EMPÍRICA**

Transformações recentes modificaram profundamente as dimensões técnica e política da comunicação. Se é necessário, como dito anteriormente, que os conceitos acompanhem o movimento do mundo para se tornarem explicativos do período que analisamos, vamos tecer mais algumas palavras sobre esse período e sua interpretação a partir da geografia.

Consideramos o atual período como período da globalização (SANTOS, 2000). A esse período corresponde um novo meio geográfico, que seria a expressão geográfica da globalização, chamado por Santos de *meio técnico-científico-informacional*. Esse meio é marcado pelo destaque da ciência, das técnicas e da informação na construção ou reconstrução do espaço (SANTOS, 2008 [1993], p. 37). Para esse autor, nesse novo meio geográfico o arranjo dos objetos e das ações permite a concretização das três unicidades definidoras do atual período: em primeiro lugar, há a unicidade técnica, a existência de um “conjunto técnico homogeneizado, sistêmico, preenchido e comandado por relações mundializadas sistematicamente unificadas” (SANTOS, 2006a [1996], p. 196); em segundo lugar, destaca-se a unicidade dos momentos, ou seja, a “possibilidade de conhecer instantaneamente eventos longínquos, e, assim, a possibilidade de perceber sua simultaneidade” (SANTOS, 2006a [1996], p. 196); a terceira unicidade seria o motor único, o “motor da vida econômica e social, representada, emblematicamente, pela emergência de uma mais-valia no nível mundial” (SANTOS, 2006a [1996], p. 204). Tais unicidades são imprescindíveis para a dinâmica atual da comunicação global e do jornalismo, baseados nas redes informacionais globais.

Se o mundo sempre foi um conjunto de possibilidades, o que muda agora é que elas estão interligadas e são interdependentes. A informação exerce um papel importantíssimo nessa interligação. Atualmente, conforme Santos (1984, p. 7),

com a internacionalização das técnicas, da produção e do produto, do capital e do trabalho, dos gostos e do consumo, a mundialização das relações sociais de todos os tipos (econômica, financeira, política...) é a garantia de universalidade que permite compreender cada fração do espaço mundial em função do espaço global. Somente a partir desta universalidade — uma universalidade empírica — é que certas categorias filosóficas podem ser transcritas numa linguagem geográfica com toda a sua significação (SANTOS, 1984, p. 7).

Em outras palavras, com a globalização e essas unicidades que a definem, pela primeira vez na história essa universalidade tornou-se empírica, visível a todos e podendo ser percebida nos lugares. Como exemplo, podemos citar a possibilidade de comunicação em tempo real a partir da *internet* ou os efeitos de uma crise financeira global como a de 2008/2009, que chegam instantaneamente em lugares longínquos, sendo percebidos no comércio e no desemprego. Essa universalidade empírica, conforme Santos (2006a [1996], p. 115), permite um tratamento objetivo da questão da totalidade, que também apresenta-se, no atual período, como uma *totalidade empírica*. Isso significa que se pode examinar as relações entre a totalidade-mundo e os lugares, com a preocupação de realizar o movimento analítico do universal para o particular e vice-versa, com as mediações dos eventos e da divisão do trabalho (SANTOS, 2006a [1996], p. 115).

No caso da comunicação, essa universalidade empírica permite diversas leituras, tanto a partir da centralização da produção de informações em poucos agentes globais, que acabam por redefinir a comunicação local, pautando seus conteúdos e eventos e disseminando um tempo global, quanto a partir da possibilidade de comunicação e união entre diversos lugares a partir das novas tecnologias, com pouca ou nenhuma mediação dos centros hegemônicos.

## **A POLÍTICA E OS USOS DO TERRITÓRIO: PARA UMA GEOGRAFIA CRÍTICA DA COMUNICAÇÃO**

Ao analisar os *usos do território*, é importante considerar a dimensão política, identificando os agentes hegemônicos e hegemonzados, bem como a existência de “lugares que comandam” e “lugares que obedecem” — a partir dos fluxos de informação. Tanto a difusão seletiva e desigual das infraestruturas comunicacionais como as ações dos agentes hegemônicos no comando da comunicação trazem consequências importantes aos lugares e merecem a atenção de nossas investigações.

Em primeiro lugar, consideramos a discussão de Santos (2006 [1996], p. 257-258) a respeito das diferentes cargas de conteúdo informacional e comunicacional que os espaços apresentam no período atual: as densidades informacional e comunicacional<sup>6</sup>. A densidade informacional nos indica o grau de exterioridade do lugar, já que a informação introduz uma intervenção vertical no espaço, que geralmente ignora seu entorno. Já a densidade comunicacional resulta do tempo plural do cotidiano partilhado, estando ligada às dinâmicas do lugar, tendo em vista que a comunicação pressupõe a troca. Com a importância política, econômica e geográfica dessas variáveis no período atual, torna-se imprescindível investigar os circuitos informacionais, as transformações espaciais para o abrigo desses circuitos e as densidades e rarefações nos territórios em função da informação e da comunicação.

As noções de *verticalidade* e *horizontalidade* também são operacionais para compreender a dinâmica do atual período, especialmente em relação aos rebatimentos dos fluxos informacionais. As verticalidades (SANTOS, 2006 [1996], p. 284-285) seriam os vetores da racionalidade superior e do discurso hegemônico. Elas criam interdependências (que tendem a ser hierárquicas), “tanto mais numerosas e atuantes quanto maiores as necessidades de cooperação entre lugares”. As horizontalidades seriam tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Conforme Santos (2006 [1996], p. 285), “o espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente”. Distinguímos, assim, os *circuitos* (ou círculos) *informacionais ascendentes e descendentes* (SILVA, 2010). Os circuitos descendentes são aqueles baseados na informação que atinge verticalmente os lugares, enquanto os circuitos informacionais ascendentes referem-se aos “dinamismos mais arraigados ao lugar, ao dilema da sobrevivência, da resistência e da reprodução” (SILVA, 2010, p. 2). Esses círculos ascendentes e descendentes coexistem no espaço geográfico.

Também torna-se explicativo o par conceitual *tecnosfera - psicosfera* (SANTOS, 2006a [1996], p. 255-258), a *tecnosfera* compreendendo o conjunto de objetos técnicos e a *psicosfera* “o reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido [...] fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (SANTOS, 2006a [1996], p. 256). Os usos do território se fazem conjuntamente nessas esferas, que não podem ser autonomizadas.

---

<sup>6</sup> Com essas duas densidades, Milton Santos relaciona também a *densidade técnica*, que seria dada pelos graus de artificialidade, variando do espaço jamais tocado pelo homem até a prevalência dos objetos técnicos (SANTOS, 2006a [1996], p. 257).



A racionalidade presente nessa psicofera apoia e acompanha a expansão do meio técnico-científico-informacional no território brasileiro (RIBEIRO, 1991, p. 48-49), disseminando, por exemplo, os imperativos da técnica e da eficiência, e minimizando a repercussão e o alcance de eventos de contestação e de conflitos. A configuração das normas e dos objetos que compõem a tecnosfera desse período torna-se, assim, “inevitável”.

Para analisar a psicofera dos territórios dos países subdesenvolvidos como o Brasil, consideramos a importância, também, da noção de alienação territorial (RIBEIRO, 2005, p. 268), que seria a dimensão imaterial dos territórios alienados. Os territórios alienados são aqueles nos quais as decisões essenciais concernentes ao processo local são “estranhas” ao lugar e obedecem motivações distantes (SANTOS, 2000, p. 107). Em relação à comunicação, podemos analisar o controle das pautas exercido pelas agências globais de notícias e outros agentes, sempre a partir de suas sedes nos países centrais e impondo-se aos demais territórios. Essa alienação territorial atinge os lugares, condicionando o cotidiano das pessoas.

## **O COTIDIANO, A COMUNICAÇÃO E O LUGAR: UMA EPISTEMOLOGIA DA EXISTÊNCIA**

Para uma epistemologia crítica e operacional da realidade social, devemos considerar também o *cotidiano*, a quinta dimensão do espaço (SANTOS, 2006b). Com o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social, o cotidiano de todas as pessoas se enriquece de novas dimensões, e a espacial destaca-se como a mais importante de todas (SANTOS, 2006a [1996], p. 321). É importante enfrentar essa apreensão analítica do cotidiano por meio do espaço e no presente texto, longe de encerrarmos essa tarefa, anunciamos alguns caminhos e questões pertinentes.

Para tanto, buscamos apreender a *existência*, que significa, em uma primeira aproximação, estar fora, estar no mundo, e estar no mundo significa estar em situação (SILVEIRA 2006, p. 86). Podemos, assim, compreender a existência como um conjunto de situações concretas. Interessa-nos a existência em sua totalidade. Para pensar a existência e as situações, é importante resgatar, também, a ideia de *prático-inerte* (SARTRE, 2002), que corresponde à ação cristalizada nas formas. A materialidade exerce, portanto, uma inércia que condiciona as ações. Ela é, destarte, importante para pensar as dinâmicas cotidianas, sendo, ao mesmo tempo, condição, limite e convite à ação (SANTOS, 2006a [1996], p.



321). Nesse sentido, conforme Silveira (2006, p. 87), só é possível pensar os projetos de futuro conhecendo as situações concretas.

Outrossim, o cotidiano supõe o passado como herança e o futuro como projeto. O presente depende, segundo Santos (1996) “dessa existência do passado, da qual não nos podemos libertar porque já se deu; e desse futuro, que oferece margem para todas as nossas esperanças”. O autor complementa:

a base do fato é que cada um de nós são dois, oscilando entre a necessidade e a liberdade, entre o que somos e o que queremos ser, entre a dificuldade de afirmação diante das situações e a crença de que podemos ser outra coisa e de que podemos construir outra coisa (SANTOS, 1996).

Alguns pares de dimensões nos ajudam a compreender essa dinâmica do cotidiano. De um lado, temos o *pragmatismo*, que indica, sugere ou exige comportamentos verticais, e de outro a *originalidade* e a *inventividade*; de um lado, as *normas*, que fundam e hegemonomizam o mundo de hoje, e de outro a *espontaneidade*. Tanto uns quanto outros fundamentam a forma como o espaço se constitui (SANTOS, 1996). Devemos levar em consideração o *espaço banal*, da totalidade, de todos os agentes, lugar último da realização dos eventos.

O cotidiano é vivido no lugar. O fato de estar junto dentro de uma área contínua tem reflexos na forma como se dá a espacialidade, já que, “porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre a organização e a espontaneidade” (SANTOS, 2006a [1996], p. 322). Para Santos (SANTOS, 2006a [1996], p. 321-322) o lugar é o cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições, onde cooperação e conflito são as bases da vida em comum. O autor afirma, ainda, que

o espaço inclui, pois, essa 'conexão materialística de um homem com outro' [...], que está sempre tomando novas formas. A forma atual [...] supõe informação para o seu uso e produção. Como hoje nada fazemos sem esses objetos que nos cercam, tudo o que fazemos produz informação (SANTOS, 2006a [1996], p. 321).

Nessas condições atuais da vida econômica e social, a informação, organizada em rede, constitui um dado essencial e indispensável (SANTOS, 2000, p. 39). Logo, para enfrentar a questão do cotidiano, devemos também considerar as redes, que hoje são globais, mas são, também, locais. Para a compreensão das redes deve-se considerar, conforme proposição de Santos (2006 [1996], p. 262), tanto seu aspecto material — os

sistemas de objetos técnicos que garantem seu funcionamento — quanto seu aspecto social, já que “a rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam”. Em cada lugar há traços dessas redes, e

no lugar, através da rede e de sua utilização cotidiana o homem descobre outra vez que são dois: aquele que exerce o trabalho local, material, direto, que ele localmente sente e sofre todos os dias, e aquele outro homem que é objeto de uma divisão do trabalho, vítima de uma cooperação que afinal descobrirá um dia, ainda que não a entenda completamente. É este o cotidiano dos homens neste fim de século, neste período de globalização, frente às redes que são globais e são locais (SANTOS, 1996).

Se, como anunciamos, o mundo é um conjunto de possibilidades, é importante lembrar que cada lugar realiza apenas um feixe de possibilidades. Por outro lado, os cotidianos dos lugares compõem o movimento da totalidade. Conforme Santos (1996), o espaço é sempre uma funcionalização do mundo, e por isso através do espaço nós podemos abraçar de uma só vez o ser e o existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontamos alguns caminhos de método possíveis para as investigações dentro do campo de geografias da comunicação a partir do sistema teórico proposto por Milton Santos. Ressaltamos que há, ainda, muitas outras possibilidades de abordagens a partir da geografia crítica — e mesmo dentro da obra de Milton Santos — no que se refere às leituras críticas da comunicação a partir do território. Todavia, gostaríamos de apontar algumas das questões ligadas às dinâmicas territoriais da comunicação que, nos parece, urgem serem melhor analisadas sob essa perspectiva apresentada.

Em primeiro lugar, é fundamental investigar as diversas dimensões do que Santos (2000) aponta como a *violência da informação* no período atual — considerando a importância crescente da informação e a forma como ela é oferecida à humanidade. Segundo esse autor (SANTOS, 2000, p. 40), é preciso considerar o caráter cada vez mais ideológico que possuem essas informações, a relação “carnal” entre a produção de notícias e a publicidade, e a facilidade da produção de falsidades, fábulas e mitos a partir da distorção dos fatos pelos poucos agentes controladores da informação, especialmente no caso da informação noticiosa. Desse modo, torna-se de altíssima importância compreender quais agentes controlam e centralizam o comando da informação, desvendar os círculos de

informações descendentes — verticais — e compreender as dinâmicas das notícias<sup>7</sup>, da informação financeira, da publicidade e da informação de gestão de empresas e consultorias (SILVA, 2001). As noções de psicofera e de alienação territorial nos parecem explicativas, operacionais e necessárias para a investigação dessas questões.

Por outro lado, nota-se a existência de uma agenda complementar que diz respeito aos círculos ascendentes de informações e à densidade comunicacional dos lugares. Nesse sentido, é essencial buscar essa produção de informações contra-hegemônicas — sejam elas residuais, de resistência ou visando a construção de alternativas políticas efetivas — e a comunicação existente de fato nos lugares, a partir do cotidiano compartilhado. Cabe ressaltar que

o lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006a [1996], p. 322).

O território usado nos revela, portanto, que a comunicação pode ser portadora de transformações nos lugares e dos lugares para a totalidade-mundo, colocando imensos desafios à análise e às políticas das comunicações. Cabe a nós construir os caminhos epistemológicos para compreender com profundidade essas novas dinâmicas e, se possível, subsidiar propositivamente ações que levem a usos mais solidários do território.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGUIAR, Pedro. *Sistemas internacionais de informação Sul-Sul: do pool não-alinhado à comunicação em redes*. Dissertação (Mestrado). UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- DIAS, Priscilla. *Território e informação: o circuito da produção publicitária na cidade de São Paulo*. Dissertação (mestrado). Unicamp, Campinas. 2008.
- GRIMM, Flávia. Contribuições teóricas do geógrafo Milton Santos para pensar o período tecnológico: os conceitos de meio técnico-científico informacional, universalidade empírica e totalidade empírica. *In: II ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. Anais...* São Paulo, 2009.
- ISNARD, Hildebert. *O Espaço Geográfico*. Coimbra: Almedina, 1982.

---

<sup>7</sup> Em relação às dinâmicas das notícias, recomendamos, também, os trabalhos de Nabarro e Silva (2012) e Aguiar (2010).

- NABARRO, Wagner; SILVA, Adriana Bernardes. Informação e território: a Agence France-Presse no Brasil. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 2, n. 1, 2012.
- PASTI, André. As agências transnacionais de notícias e os círculos descendentes de informações no território brasileiro no período da globalização. In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. *Anais...* Recife: Intercom, 2011.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Matéria e Espírito: O poder (des)organizador dos meios de comunicação. In: RIBEIRO, A. C. T.; PIQUET, R. (orgs.) *Brasil: Território da Desigualdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. *Osal*, Ano VI, n. 16, jan/abr, pp. 263-272. 2005.
- SANTOS, Milton. A geografia no fim do século XX: a redescoberta e a remodelagem do planeta e os papéis de uma disciplina ameaçada. *Geonordeste*, ano 1, n. 2, pp. 1-13, 1984.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec: ANPUR, 1994.
- SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. *Boletim Gaúcho de Geografia*, n.21, p. 7-14, 1996.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2006a [1996].
- SANTOS, Milton. Por uma epistemologia existencial. In: LEMOS, A.; SILVEIRA, M. L.; ARROYO, M. (org.) *Questões territoriais na América Latina*. São Paulo: Clacso, 2006b.
- SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. 5ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008 [1993].
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2006 [2001].
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética: precedido por Questões de mtodo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SILVA, Adriana Bernardes. *A contemporaneidade de São Paulo: Produção de informações e novo uso do território brasileiro*. 2001. Tese (Doutorado). Departamento de Geografia — FFLCH/USP, São Paulo, 2001.
- SILVA, Adriana Bernardes. Círculos de informações e novas dinâmicas do território brasileiro. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS — ENG. *Anais...* Porto Alegre: AGB, 2010.

SILVEIRA, María Laura. Por um conteúdo da reflexão epistemológica da geografia. *In:* SOUZA, Álvaro José de. (org.) Paisagem território região: em busca de identidade. Cascavel: Edunioeste, 2000.

SILVEIRA, María Laura. Escala geográfica: da ação ao império? *Terra Livre*, ano 20, v. 2, n. 23, pp. 87-96. Goiânia, jul/dez, 2004.

SILVEIRA, María Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, No 19, pp. 81-91, 2006.